

PRÁTICAS DE ENSINO SOBRE A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL: UM OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO PIBID/GRAJAÚ-MA¹.

Autor: João da Conceição Silva¹;
Universidade Federal do Maranhão, jcs_cdd16@hotmail.com;

Orientador: Prof^o. Mestre Francisco Vale Lima³
Universidade Federal do Maranhão, fidescaritas@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar experiências vivenciadas no âmbito de uma escola do Município de Grajaú-MA, por meio do programa de Iniciação à Docência – PIBID, tendo como foco o ensino sobre diversidade étnico-racial. Para tanto, utilizou-se como metodologia, observações diretas e dados orais coletados dos alunos. Teve como arcabouço teórico, Borges (2010), Alves (2015), Alcântara (2015), entre outros autores. Quanto aos resultados obtidos, pôde-se perceber que no decorrer do projeto houve uma mudança significativa no modo de pensar, agir e ver o outro, mais especificamente, aos olhares lançados a população indígena e negra. Esta mudança é comprovada por meio das falas dos alunos. Isto comprova que devemos nos amparar na educação, mais em uma educação transformadora, crítica, inovadora, capaz de instruir e educar para a construção de uma cultura efetiva de respeito ao próximo.

Palavras-Chave: Educação. Cultura. Negros. Índios.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada no âmbito de uma escola do Município de Grajaú² – MA, por meio do programa de Iniciação à Docência – PIBID, o qual se dispôs a trabalhar especificamente com alunos do 7^a ao 8^a ano do Ensino Fundamental II. O objeto de estudo, centrava-se nas culturas indígena e negra, as quais estão intrinsecamente ligadas ao dia-a-dia da população grajauense, uma vez que, historicamente, este município, foi marcado pela interseção das etnias europeia (majoritária), indígena e africana.

Muito se sabe que, preconceitos e visões etnocêntricas fazem parte do contexto escolar desde os primórdios da educação, onde a sociedade tende a formar um padrão, excluindo qualquer indivíduo que se desvie deste molde. Em Grajaú, uma cidade situada no centro-sul maranhense que, segundo o IBGE (2010) possui uma população de 62.093 habitantes, sendo que, deste total há um grande número de indivíduos quilombolas e indígenas (este último pertencente à etnia Guajajara).

¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

² Para preservar a identidade dos servidores, alunos, gestores e professores da Escola analisada, optou-se por ocultar o seu nome.

A despeito desta diversidade étnico-racial, mesmo no século XXI, é possível se identificar grandes níveis de preconceitos raciais e etnocêntricos partindo da população grajaúense não-negra e não-indígena. Ora, a fundação do município de Grajaú data de 1812, época em que o Maranhão e o Brasil sofriam forte influência do pensamento colonial europeu. A vinda das missões italianas da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos para a região nesta época apenas comprova esta tese. Este pensamento de dominação colonial repercute até hoje. Segundo Alcântara (2015, p. 119) “parece-me que em Grajaú esta colonialidade se reproduz nos meios sociais, e principalmente nas escolas, classificando negros, índios, homossexuais, mulheres e outros sujeitos que não se encaixam na ideia colonial de ‘indivíduo normal’, como inferiores”³.

No ano de 1901, Grajaú, assim como municípios vizinhos, vivenciaram um momento em que a população não-indígena entrou em confronto com a população indígena, ocorrendo um massacre sangrento que ficou conhecido como “Massacre de Alto Alegre”. Neste, houve perda para ambos os lados. Porém, para os não-indígenas, além das vidas perdidas, lhes sobreveio o estigma. Ou seja, legou-se a generalização de que todos os índios seriam violentos, lançando-lhes o olhar de selvageria, o qual se propaga até os dias atuais.

Quanto à população quilombola que vive em Grajaú e em seus arredores, estes são descendentes de escravos alforriados ou “fugitivos” que, segundo histórias orais⁴, começaram a habitar um terreno comprado por uma ex-escrava que fora estuprada por seu patrão⁵. Este local, hoje, é conhecido como Quilombo de Sant’Antônio dos Pretos.

Partindo destas informações e por meio de observações diretas buscou-se compreender como as crianças que participavam do projeto olhavam para o próximo, especificamente, para os negros e índios. A intenção geral era encontrar uma forma que possibilitasse a desmistificação do olhar colonial que ainda hoje é passada de geração para geração. Para tanto, durante a convivência direta com os alunos, foram coletados dados orais, visando relatar com exatidão o olhar inicial emitido pelos alunos no início de nossas atividades e, ao término, quais olhares eram emitidos, de modo a elucidar os resultados alcançados. Por fim, urge informar que buscamos embasamentos

³ Por Colonialidade, Alcântara (2015, p. 114) entende “Tudo que destoa dos valores europeus, seja de ordem étnica, religiosa, moral, sexual, é visto como ‘primitivo’ e ‘atrasado’”.

⁴ Aqui destacam-se os relatos colhidos de membros da comunidade Quilombola Sant’Antonio dos Pretos, em que os afirmam categoricamente suas origens e lutam para manter sua identidade e cultura.

⁵ A comunidade de Sant’Antonio dos Pretos dividem-se em dois sobrenomes: Araújo e Rodrigues, sendo Rodrigues o sobrenome do estuprador, se propagando na comunidade a partir do fruto do estupro.

teóricos em Borges (2010), Alves (2015), Alcântara (2015), dentre outros vínculos de fundamentação.

ALUNOS: DISCURSOS SOBRE A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL DE GRAJAÚ

Ao iniciarmos os trabalhos no programa PIBID anunciamos na Escola que trabalharíamos a temática sobre a compreensão das culturas e sobre a diversidade étnico-racial presente no município de Grajaú.

Uma vez que a cultura europeia já se encontra sedimentada, priorizamos a cultura negra e indígena. Começamos abordando a cultura indígena de Grajaú. Nesta ocasião, notou-se certa hesitação dos alunos, uma vez que grande parte destes, possuíam raízes etnocêntricas e preconceituosas advindas do seio familiar. Identificado este ponto de vista, começou-se a tentar entender como esta visão conseguiu se firmar, sendo que, alguns alunos não sabiam o motivo de não gostarem dos indígenas, somente tinham a convicção que não deveriam. Neste ponto, percebemos o quão importante é o conhecimento dos múltiplos olhares sobre os fatos históricos, para que não possamos ficar sujeitos a apenas uma interpretação, mas conhecer os fatos em sua concretude, em diferentes visões, para assim, fazermos nossas próprias interpretações.

Nossa jornada começou com um debate, o qual tinha como objetivo deixar os alunos confortáveis para argumentar sobre o assunto. Entre os que se pronunciaram, algumas falas chamaram-me a atenção, como a fala de uma aluna do 8^a ano.

Olha, eu acho os índios estranhos, tenho medo deles, porque minha família também não gosta, minha vó contava umas histórias... (Aluna 8^a ano).

Professor! Os índios tão meio que deixando de ser índio! Olha Grajaú, os índios andam de carro, com celular e tudo. (Aluno 8^a ano).

Falas como estas, nos demonstram o quanto estes alunos estavam sujeitos à mentalidade colonial. Acrescente-se a isto o fato de que, durante o período de observações em sala de aula, junto ao professor, não identificamos a apropriação de estudos relacionados ao ensino da história dos povos indígenas e afrodescendentes, que estão pautados em leis. Segundo Borges (2010), a promulgação das leis 10.639, de 2003 e 11.645 de 2008, foram um momento ímpar para a educação no Brasil, sendo que os alunos enfim teriam conhecimentos sobre o multiculturalismo brasileiro, e a falta destes saberes influenciaram as crianças de maneira negativa.

Segundo Alves (2015), a abordagem do tema indígena, é desafiador para o professor “branco” na contemporaneidade, porém, o mesmo deve assumir uma postura de mediador não se fixando no óbvio, como pensar a temática indígena somente em datas específicas, se caracterizando um “desrespeito aos indígenas”.

Pautando-se ainda em Alves (2015, p. 47), onde o mesmo afirma que “o reconhecimento da condição do indígena, na atualidade, é um modo de se trabalhar com a temática indígena, abolindo a ideia de indígena como alegoria social – algo que tem efeito negativo quando pensamos na etapa inicial de formação de conceitos”. Assim, buscamos durante a primeira etapa do projeto, de maneira simplória, a semi-integração dos alunos com a cultura indígena de Grajaú. Para tanto, trouxemos à tona questões reflexivas, adaptando-as a realidade dos alunos.

A principal metodologia aplicada, se baseou no conhecer o próximo, onde os alunos tiveram contato com a história dos povos indígenas, principalmente os Guajajaras/Tentehar, com a língua tupi, expressões culturais indígenas – danças, pinturas, artesanatos, entre outras atividades –, sem esquecer do contato direto e pessoal dos alunos com alguns indígenas de uma aldeia próxima à cidade, onde tivemos a oportunidade de conhecer saberes antigos, até hoje reproduzidos e validados pelos indígenas.

Ao iniciarmos a segunda etapa falando sobre a cultura negra, os alunos já estavam mais habituados a discorrer sobre suas perspectivas, e neste ponto, percebemos significativas diferenças nos educandos, em relação ao comportamento, maturidade e identificação com o assunto. Nesta etapa, trabalhamos a história da cultura afro e afrodescendentes no Brasil, nos especificando no Maranhão e, por fim, na cidade de Grajaú. Nos apropriamos da metodologia de auto-aceitação, bem como da aceitação das pluralidades culturais e raciais, desenvolvendo uma visão de diversidade e respeito às diferenças de cada um. Procuramos mostrar as principais contribuições dos negros para a sociedade grajauense, como também para todo o Brasil, seja na culinária, no enriquecimento cultural, nas lutas contra a escravidão, preconceitos, discriminação, enfim, em vários segmentos sociais. Tivemos como resultado físico, a construção de pinturas que representavam os negros (descobrimos futuros artistas plásticos); instrumentos musicais construídos pelos próprios alunos; danças; culinária e; acessórios femininos e masculinos – turbantes, batas entre outros.

Borges, nos retrata com clareza a importância da apropriação desses conhecimentos.

Sem dúvida, assumir essas responsabilidades implica compromisso com o entorno sociocultural da escola, da comunidade onde se encontra e à qual serve. Implica ainda compromisso com a formação de cidadãos atuantes e democráticos, capazes de

compreender as relações sociais e étnico-raciais das quais participam e que ajudam a manter e/ou a reelaborar. (BORGES, 2015, p. 74).

Outros autores como Silva e Silva (2007), afirmam a necessidade da educação e cultura andarem juntas, se tornando “elementos socializadores”, para que todos os alunos se sintam pertencentes ao ambiente escolar, independentemente de suas diferenças. Posteriormente, veremos os principais avanços dos alunos que participavam do projeto.

O QUE MUDOU NOS ALUNOS PARTICIPANTES DO PROJETO

O projeto tinha como objetivo, desmistificar visões deturpadas a respeito dos negros e indígenas, e este objetivo foi alcançado com sucesso. Embora no decorrer do projeto tenhamos perdidos alguns integrantes, conseguimos plantar a semente da esperança para um futuro melhor, onde estes alunos mudaram seu olhar em relação as culturas trabalhadas. Como eles mesmos relatam:

Nossa! Eu não sabia que os índios eram tão legais! Se eu soubesse disso há mais tempo... (Aluna 8º ano).

Professor, agora sei falar muitas palavras na língua dos índios! O pessoal da minha sala pede pra mim ensinar eles (risos). (Aluno 7º ano).

Eu não sabia que os escravos trouxeram tantas coisas que a gente conhece (risos)! E muito menos que perto de Grajaú tinha escravos...muito interessante! (Aluno 8º ano).

Estabelecendo um paralelo com as primeiras narrativas aqui descritas, percebemos em suas falas, no final do projeto, o quanto aquela experiência contribuiu em suas vidas. Percebeu-se, ainda, o poder que a educação possui para transformar olhares e como auxilia no processo de construção das visões de mundo. O fato aqui descrito demonstra isto, o que tornou esta, uma experiência significativa, que provavelmente levarão por toda a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, percebemos o quão importante é o conhecimento, para que não nos sujeitemos a olhares errôneos e julgadores. O estudo das culturas negra e indígena, possibilitou uma quebra de pensamentos, significando que por meio da educação podemos

transformar a sociedade que vivemos, principalmente quando se trata de um assunto que se encontra engendrado no meio que habitamos. O PIBID tornou-se agente desta (re)construção de olhares.

As falas dos educandos no final do projeto, nos fazem refletir, servindo como inspiração para que a cada dia nos aprofundemos ainda mais nesta caminhada continua e perene, que conhecemos como educação, mais em uma educação transformadora, crítica, inovadora, capaz de instruir e educar para a construção de uma cultura efetiva de respeito ao próximo. A partir do respeito, construiremos uma sociedade digna e diversa, onde a diferença será a base da igualdade.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, R. L. S. **Diversidade e Colonialidade em Grajaú-MA:** Desafios para a formação de professores. InterEspaço – Grajaú/MA. v. 1, n. 1. p. 108-125. jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2015/2390-1445913630.pdf>> Acesso em: 04/08/2016.

ALVES, A. C. **Ensino de História e Cultura Indígena:** trabalhando com conceitos, desconstruindo estereótipos. Revista Espaço Acadêmico – n. 168. p. 42-54. Maio/2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/27671/14612>> Acesso em: 02/08/2016.

BORGES, E. M. F. **A Inclusão da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena nos Currículos da Educação Básica.** R. Mest. Hist., Vassouras, v. 12, n. 1. p. 71-84, jan./jun., 2010. Disponível em: <http://www.uss.br/pages/revistas/revistaMestradoHistoria/v12n12010/pdf/05A_Inclusaodahistoriaculturaafro.pdf> Acesso em: 01/08/2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/NMF>> Acesso em: 12.09.2016

SILVA, J. P. R.; SILVA, J. R. **A Importância da Cultura no Processo de Aprendizagem.** Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-cultura-no-processo-aprendizagem.htm>> Acesso em: 03/08/2016